



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE LETRAS/LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS**

**SAMANTHA LEITE DE MACEDO**

**A ESCRITA E O *WOMANISM* POLÍTICO NEGRO COMO  
ASCENSÃO EM A COR PÚRPURA E QUARTO DE DESPEJO,  
DIÁRIO DE UMA FAVELADA**

**ARAGUAÍNA-TO**

**2019**

**SAMANTHA LEITE DE MACEDO**

**A ESCRITA E O *WOMANISM* POLÍTICO NEGRO COMO ASCENSÃO EM  
A COR PÚRPURA E QUARTO DE DESPEJO, DIÁRIO DE UMA  
FAVELADA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Letras/Língua Inglesa e Literaturas, da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Araguaína, como pré-requisito para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. Ms. Naiana Siqueira Galvão

**ARAGUAÍNA–TO**

**2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

M141e    Macedo, Samantha Leite de.

A escrita e o womanism político negro como ascensão em a cor púrpura e quarto de despejo, diário de uma favelada: A escrita e o womanism político negro como ascensão em a cor púrpura e quarto de despejo, diário de uma favelada . / Samantha Leite de Macedo. – Araguaína, TO, 2019.

35 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Inglês, 2019.

Orientadora : Naiana Siqueira Galvão

1. Womanism. 2. Escrita confessional. 3. Empoderamento. 4. Mulher negra. I. Título

**CDD 420**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

SAMANTHA LEITE DE MACEDO

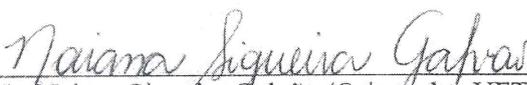
A ESCRITA E O *WOMANISM* POLÍTICO NEGRO COMO ASCENSÃO  
EM A COR PÚRPURA E QUARTO DE DESPEJO, DIÁRIO DE UMA  
FAVELADA

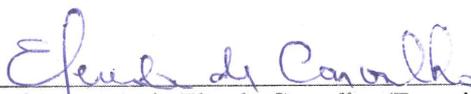
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao  
curso de Licenciatura em Letras, como requisito parcial  
para conclusão de graduação em Licenciatura em Letras.

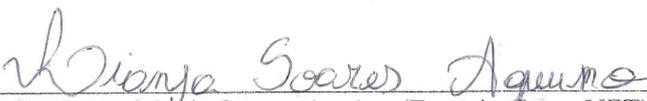
Orientador: Prof. Ma. Naiana Siqueira Galvão

Data de Aprovação 12 /06 /2019

BANCA EXAMINADORA:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Naiana Siqueira Galvão (Orientador-UFT)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Maria Eleuda Carvalho (Examinadora -UFT)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Lianja Soares Aquino (Examinadora -UFT)

## **AGRADECIMENTO**

Concluída a realização deste trabalho, não posso deixar de expressar o meu penhor para todos aqueles que contribuíram para sua realização. A minha família, em especial minha mãe, Maria Helena, pessoa que me incentivou a iniciar o curso letras quando todos eram contra.

Aos meus pets, Milan e Dudu por todo o carinho e amor durante as leituras e escrita, acalentaram o meu coração e com toda certeza inspiraram para um trabalho cheio de amor.

A Prof. Ms. Naiana Siqueira Galvão, pela disponibilidade de me acompanhar ao longo deste trabalho, pela paciência, apoio estimulante e riqueza de sugestões para a melhoria sempre.

Ao excelente corpo docente do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas da UFT, por todas as contribuições durante todos os anos passados.

*“I may be black, pore, ungly, but I’m here.”*

***ALICE WALKER***

## RESUMO

O objetivo da pesquisa é analisar e discutir o pensamento político negro e o *womanism* presentes nas falas e atitudes das protagonistas femininas Celie em *A cor púrpura*, de Alice Walker e Carolina Maria de Jesus em *O Quarto de despejo—diário de uma favelada*. O trabalho corresponde em uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, sob o seguimento do viés comparativo envolvendo a teoria da escrita confessional, epistolar e o *womanism*. No decorrer das análises dos excertos literários, percebemos que as vozes dessas personagens personificadas em ambas as obras reverberam um ecoar de luta por visibilidade de gênero, classe, raça além de, mobilizar o empoderamento feminino e seus movimentos de resistência diante dos ardores da sociedade eurofocêntrica através da escrita confessional.

Palavras chaves: *Womanism* – escrita confessional – empoderamento – mulher negra.

## **ABSTRACT**

The aim of the research is to analyze and discuss the black political thought and the womanism present in the speeches and attitudes of the female protagonists Celie in *The Color Purple*, by Alice Walker and Carolina Maria de Jesus in *Quarto de despejo, diário de uma favelada*. The work corresponds to a qualitative bibliographical approach, following the comparative bias involving the theory of confessional writing, epistolary writing and womanism. During the analysis of the literary excerpts, we perceive that the voices of these characters personified in both works reverberate an echo of struggle for visibility of gender, class, and race, besides mobilizing feminine empowerment and its movements of resistance before the ardor of europhalocentric society through the confessional writing.

Keywords: Womanism - confessional writing - empowerment - black woman.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>1. Vozes que ecoam, as negras (r)existem : A afro-descendência na Literatura Confessional de Alice Walker e Carolina Maria de Jesus. ....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 A literatura epistolar: a escrita e a revelação do “eu” feminino negro.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>Vamos entender a pesquisa? O percurso metodológico literário.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b><i>Beyond the wall: Ascensão social e a construção do pensamento político negro em A cor púrpura e Quarto de despejo.....</i></b>	<b>26</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

As particularidades das escritas de mulheres negras são marcas de corpos que se fazem vivos ao apropriar-se da linguagem. Por isso, refletir sobre a produção do ‘eu’ por essas mulheres é tratar de um propósito emergente por via de uma dinâmica tensional: a resistência de luta de um grupo social. A presente pesquisa analisa a escrita epistolar como ato político da personagem Celie em *A Cor Púrpura* e da autora personagem Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo*<sup>1</sup>, diário de uma favelada. Vale ressaltar que estas leituras foram compartilhadas durante a disciplina de Prosa em Literatura Americana, ministrada pela professora Naiana Siqueira Galvão. Durante os estudos a versão lida foi em língua inglesa e para a composição do trabalho utilizamos de duas versões, um na língua original e a outra em língua portuguesa tradução de Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson (2018).

Alice Walker é uma ativista do *womanism*, sua obra é referência na luta contra o racismo, machismo e patriarcado nos Estados Unidos e no mundo. A obra lhe rendeu prêmios importantes, como o Pulitzer e o National Book Award. Nascida em 1944 no sul dos Estados Unidos venceu a riqueza com bolsas de estudo e produziu livros sobre racismo e superação. Segundo Walker (2012) “Nada, entre prêmios e fama, é mais importante do que o que sinto e quero dizer em defesa das minorias em todo o mundo”, explicou à revista *cult* por telefone.

Carolina Maria de Jesus descreve em seu diário a dura realidade do favelado. Foi catadora de papel e cursou apenas até o segundo ano do ensino fundamental I. Mãe solteira e moradora da primeira grande favela de São Paulo, a Canindé, que foi desocupada em meados dos anos 1960 para a construção da marginal Tietê. Em seu livro relata a amarga realidade da favela na década de 1950, os costumes dos habitantes, a violência, a miséria, a fome e as dificuldades para se obter comida.

Seu livro foi traduzido para treze línguas e é um referencial importante para estudos culturais e sociais tanto no Brasil quanto para o exterior. Para Carolina não faltava letramento crítico, comparada a tantos outros que realizam seus períodos escolares completos. Carolina faz uma reflexão não apenas sobre si, mas do seu local de vivência e da conjuntura política econômica do Brasil.

---

<sup>1</sup> *Quarto de despejo: diário de uma favelada*/ Carolina Maria de Jesus. São Paulo: Ática, 2014.

*A cor púrpura*/ Alice Walker, tradução Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson Rio de Janeiro: José Olympia, 2018.

Ao ter contato com a escrita confessional pude buscar em minhas memórias a lembrança de minha primeira experiência com o gênero epistolar. Desde muito cedo pude acompanhar minha mãe escrevendo em seus cadernos alguns fatos que para ela eram importantes. Lembro-me as vezes conseguir espiar algumas de suas escritas e ler que ela se comunicava com Deus através delas. Ao fazer a leitura das obras e discuti-las durante as aulas, não posso negar que fiz uma ponte entre o que vivi em minha casa com as das personagens do livro. E reflete ainda mais sobre como é imprescindível ter acessos as essas literaturas específicas, advindas de histórias de lutas severas.

## CAPÍTULO I

### **Vozes que ecoam, as negras (r)existem : A afro-descendência na Literatura Confessional de Alice Walker e Carolina Maria de Jesus.**

O uso literário das práticas comunicativas dos gêneros epistolares começou em meio ao século XVIII, como atividade de escrita para entender as conjecturas de socialização como afirma Dawsley (2017). O que era privado, passa a ser compartilhado em formas de palavras que aproximam e também conservam relacionamentos entre o leitor e o escritor. Mantem correspondências com as pessoas e é possível diminuir o distanciamento entre elas.

A pesquisa em questão se restringe às cartas ambientadas na esfera privada, assim a troca de correspondência se pressupõe como uma conservação na qual será estabelecido um elo propenso à construção de relações mútuas e de meios que possibilitam a troca de afeto. Estamos falando das escritoras, Alice Walker e Carolina Maria de Jesus. Elas nos mostram que é possível expressar-se pela escrita, ao deslizar o lápis no papel amarelado, gasto pelo tempo ou em páginas envelhecidas de um caderno encontrado no lixo.

Elas se libertam das ‘amarras’ patriarcais socialmente instituídas ao escreverem. Quando essas mulheres leem e reescrevem sobre sentimentos ocultados por anos em relação aos antepassados escravos e os que se fazem presentes revelando reflexos do violento fundo histórico conectado ao sujeito negro. As autoras trazem o posicionamento político e ideológico de sujeitas negras inseridas numa sociedade que efetivamente se esforça para abafar sua existência de ser social.

Rememorando esses fatos pelo intermédio de suas obras, temos a recuperação de vestígios que nos levam a um redirecionamento reflexivo sobre o esquecimento e ocultamento de práticas culturais e identitárias eurocêntricas na anulação do negro. Portanto, por meio da escrita de si, somos envolvidos em uma abrangente construção e ressignificação das memórias coletivas e individuais.

Durante muito tempo a literatura confessional foi colocada como uma forma de escrita minoritária. Críticos a consideravam fora do campo literário, uma vez que subvertem as noções instituídas do gênero memorialístico, estilo que se insere no estatuto de textos referenciais que relatam a curso de uma vida. São documentos que “servem”, inicialmente, à história, e enquanto produção de linguagem que o relato memorialístico ultrapassa o seu caráter histórico e se vê como ficção.

A escrita confessional traz a reflexão do autor. Por um certo tempo, o termo foi relacionado a religião, ao ato de confessar ao padre, relatar suas aflições e anseios, porém, foi relacionado à literatura. Um texto com teor intimista, em que o sujeito torna a si mesmo objeto de conhecimento, relatando suas próprias vivências, atuando como personagem central do enredo de sua história de vida.

Do mesmo modo, escrevendo os nossos pensamentos como se os tivéssemos de comunicar mutuamente, melhor nos defenderemos dos pensamentos impuros por vergonha de os termos conhecido. Que a escrita tome o lugar dos companheiros de ascese: de tanto enrubescermos por escrever como por sermos vistos, abstenhamo-nos de todo o mau pensamento. Disciplinando-os dessa forma, podemos reduzir o corpo à servidão e frustrar as astúcias do inimigo (FOUCAULT, 2004, p. 144)

Falar de si é empoderamento. Esse ato não remete apenas no “ eu”, mas faz a conexão entre várias mulheres com experiências similares ou encorajam muitas a ocuparem um lugar de empoderamento. Para as personagens Celie, Nettie, Shug e Carolina de Jesus (autora e personagem de seu livro – diário), utilizam a escrita de si como uma forma política de posicionamento político. É importante que possamos nos conectar à essas personagens-mulheres como fonte de inspiração, lembrando que elas não tiveram acesso a língua escrita culta e acadêmica, não frequentaram o ensino escolar completo, quiçá a universidade.

Reparamos que esses processos de constituição de si vão além da individualidade, ou seja, as percepções do sujeito partem efetivamente da coletividade, do contato direto com o outro e assim esses registros estabelecem o selecionamento de fatos para a composição de sua auto formação.

Os diários, muitos deles, foram guardados, trancados com cadeados por muitos anos por suas donas que receavam revelar seus sentimentos, desejos, amarguras e desilusões. Logo, esse momento que ocasionou tal escrita, a busca do ato de ampliar sentimentos em um pedaço de papel é o sinônimo de desabafar realidades duras e difíceis que ao transpô-las tornam-se o refrigerio, o alívio e a suavização que permite conviver a parcela difícil de tal sentimento. Para Gomes (2007):

Toda essa documentação de “ produção do eu” é entendida como marcante pela busca de um “ efeito de verdade”, que exprime pela primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões “ íntimas e profundas” do indivíduo que assume sua autoria. (GOMES, 2007, p 14,15)

Ao escrever sobre si, o sujeito estende seus sentimentos a partir de referências que tem do outro. A busca pelo “efeito de verdade” pode nos levar a diversos vieses, um deles sendo a do auto

reconhecimento ou da autoafirmação do “eu” reconhecendo como ser único e particular, que escreve sobre si como forma de autocompreensão.

Através da manifestação da escrita as obras literárias e epistolares podem atravessar os espaços construídos pela inserção desse “eu” (Gomes, 2007) socialmente subjugados pelo eurociência histórica. Podemos considerar sob tais julgamentos ocidentalistas que o lugar de pertencimento do negro é reproduzido como um ser atípico, anormal e por isso, deve ser marginalizado. Os aspectos temáticos que incidem no *corpus* da pesquisa são as vivências violentas de agressões físicas e psicológicas somado aos registros da realidade de mulheres negras personificadas por personagens femininas nas obras, *A cor púrpura* e a protagonista de seu diário de vida, Carolina de Jesus em *Quarto de despejo*. Sob essa perspectiva, temos observado a condição do indivíduo às práticas socioculturais e históricas tecidas nas obras que nos levam a reconhecer ambos seus crescimentos intelectual, político e social.

As lembranças apoiam-se em fatos, acontecimentos históricos, e ao mesmo tempo amplia e informam aspectos da história social brasileira, descrevem, detalham, precisam e explicitam os cenários pouco iluminados pelos grandes refletores históricos (LACERDA, 2000, p 90).

As autoras apoiam-se em fatos cotidianos de abusos psicofísicos ocorridos com suas personagens, além de rememorar acontecimentos sofridos com seus antepassados. Esse ato de reportar em cartas, revela-nos mais que aspectos literários, há vozes que denunciam maus tratos, formas de violência doméstica que Alice Walker e Carolina Maria de Jesus elucidam em suas obras. A escrita epistolar expõe experiências de vida de mulheres negras, pobres, alfabetizadas didaticamente, nestas cartas há o chamado para o enfrentamento social que discute a hierarquização de gênero e evidencia seus amadurecimentos diante da sociedade falocêntrica. Carolina Maria de Jesus, escritora<sup>2</sup> negra, favelada, catadora de papel, nos apresenta a realidade na Cidade de São Paulo<sup>3</sup>, na favela do Canindé, entre os anos de 1955 e 1960.

Walker ganhou projeção mundial em seu terceiro romance *The color purple*<sup>4</sup>, a escrita de Alice Walker reflete uma estrutura político por conta do seu engajamento em movimentos a favor das

---

<sup>2</sup> Quarto de despejo, escrito por Carolina Maria de Jesus no ano de 1960.

<sup>3</sup> Durante a época em que foi escrita a obra Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus o Brasil tinha como presidente os anos de 1956 e 1961 Juscelino Kubitschek (1902- 1976) e a Cidade de São Paulo era governada por Jânio Quadro (1917- 1992).

<sup>4</sup> Alice Walker: A cor púrpura, escrita no ano de 1985 ganhadora do prêmio Pulitzer de 1983.

mulheres negras, dos direitos civis e das minorias, a obra é composta pelas noventa cartas que compõem o romance e que nos instruem por mais de quarenta anos.

A escrita de Walker é pautada na construção socialmente evolutiva de figuras femininas negras, em especial Celie ao expor sua “produção do eu” (GOMES, 2007) no seu diário em formas de epistolas contornadas por anseios de um milagre: o reencontro com sua irmã Nettie. Celie denuncia as inúmeras práticas de violências cometidas pelo seu senhor, Mr. \_\_\_\_\_, a quem se quer ousa balbuciar o nome, somado a isso, conjectura e interliga os sofrimentos que demais mulheres negras, pobres, lésbicas e analfabetas presenciam dia- a- dia numa sociedade norte-americana no início do século XX, como podemos ver em,

Quem você pensa que é?, ele diz. Você não pode amaldiçoar ninguém. Olhe pra você . Você é preta, é pobre, é feia. Você é mulher. Vá pro diabo, ele diz, você num é nada(...) Eu na certa surrei você é o bastante ( WALKER, 2018, p. 186)<sup>5</sup>

O processo da construção do “eu” é permeado pela união de discursos em que o “eu” da narradora representa o de inúmeras outras mulheres da sua comunidade, sendo a raça, a cor de pele o elemento crucial para serem vítimas de estupros, dos sexismos, dos preconceitos e racismos.

Já Carolina Maria de Jesus por meio de seus relatos diários, mostra-nos uma maneira de denunciar os males que viveu. Pela escrita, ela sobrevive a faminta realidade que o pobre brasileiro enfrenta incessantemente, “é preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. [...] As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários” (JESUS, 2014 p. 52)

A autora, atualizada em relação às questões governamentais, faz diversas críticas aos políticos e a corrupção no Brasil. Essa é uma das formas de denunciamento social da escritora. Carolina Maria de Jesus, mulher negra, favelada, mãe, catadora de papel, revela dentre tantas lições a de lutar por algo melhor, constantemente, na vida familiar e pessoal. Conforme o exposto por Eliana Castro (2007):

---

<sup>5</sup> Who you think you are , he says, You can’t curse anyone. Look at you, you’re black, you’re poor, you’re ugly, you’re nothin’at all.. I thought, you are enough. ( WALKER, 1986, p. 186)

Carolina não corresponde aos estereótipos e sempre surpreende. Negra, espera-se que seja humilde, mas não é. Mulher, espera-se que seja submissa, mas não é. Semianalfabeta, espera-se que seja ignorante, mas não é. E não sendo o que se espera dela, é rejeitada como pessoa pela sociedade e incompreendida como escritora. (CASTRO, 2007, p. 77)

Alice Walker, assim como Carolina de Jesus, caracteriza em sua obra a memorialística realidade de seus árduos e sofridos dias e noites. Em *A cor púrpura*, a personagem Celie escreve na primeira fase cartas para Deus narrando as dificuldades, o sofrimento e as incertezas de sua vida e de suas vizinhas e colegas negras. A personagem protagonista passa por infundáveis abusos sexuais, físicos e psicológicos, e como meio de aliviar seu corpo e mente pede ajuda para Deus escrevendo-lhe cartas.

(...) O Deus para quem eu rezo e para quem eu escrevo é homem. E age igualzinho aos outro homem que eu conheço. Trapaceiro, isquecido e ordinário. Ela falou, Dona Celie é melhor você falar baixo. Deus pode escutar você. Deixa ele escutar, eu falei. Se alguma vez escutasse uma pobre mulher negra o mundo seria um lugar bem diferente, eu posso garantir. ( Walker 2018 p. 227 )<sup>6</sup>

Esse processo de escrita confessional remete-nos o carácter de resistência de Celie e Carolina. Denuncia os abusos, usando como meio suas urdiduras diárias transplantadas para o papel. O “eu” inscrito nas cartas de Celie é uma fala de revolução pacífica, jamais passiva. Celie busca viver em paz, não confronta aquilo que lhe é imposto, porém apesar de ser alvo de ações vindas de outros, a personagem ancora seus desejos e não permite que os mesmos sejam destruídos.

Carolina Maria de Jesus e Alice Walker são autoras negras que transportam em suas obras as faces do racismo e sua prática ao longo dos séculos. Celie, Shug<sup>7</sup> reproduzem os vários contextos de violações que mulheres negras estão inseridas na sociedade americana no início do século XX - preconceito, racismo e sexualidade, desumanização e perseguição racial.

Na história, o racismo é construído pela ideia de dominar o sujeito fora do padrão europeu. É a força motriz que gerou durante séculos o tráfico de escravos e com o período de independência dos U.S.A, seus estados alimentaram durante anos e anos a segregação racial.

<sup>6</sup> (...) The God I been praying and writing to is a man. Act just like all the other mens I know. Trifling, forgetful and lowdown. She said, Miss Celie, You better hush. God might hear you. Let him hear, I said. If ever listened a poor and black woman, the world would be a very dfferent place, I can assure. ( WALKER, 1986 p. 112)

<sup>7</sup> Shug Avery é uma personagem notável, chamada Lillie por seus pais, mas é conhecida por todos os seus admiradores como Shug. É descrita por Celie como doce. Ela é uma mulher de grande força de carácter, ousada, às vezes agressiva, sempre pronta para lutar pelo que acredita e aparentemente sem medo de enfrentar qualquer coisa imposta pela vida.

Sophia, nora de Celie, não permitia ser oprimida ou reprimida de qualquer maneira, nem por sua cor de pele, nem por ser mulher, nem por ser gorda e analfabeta. Contudo, apesar de sua determinação, ela passa por acontecimentos traumáticos que acometem sua saúde psíquica levando-a para um destino de amargura e solidão. Mesmo com tanta força e vigor, Sophia não conseguiu vencer as ‘correntes do cárcere’ social, ela se entregou. Todavia, ela foi exemplo para Celie continuar crendo que é possível vencer quando há um amor incondicional capaz de mover seu ‘eu’ mulher valorizando as batalhas enfrentadas por suas gênesis femininas.

Carolina Maria de Jesus expõe como o sujeito favelado é mantido às margens dos benefícios que o governo brasileiro ‘constitucionalmente’ emprega no território nacional. Descreve criticamente que essa comunidade é rotulada de escória periférica e por estas, e demais razões, que o povo da favela do Canindé é estigmatizado pela sua raça, status social e econômico.

### **1.1 A literatura epistolar: a escrita e a revelação do “eu” feminino negro.**

Ao usar o “eu” (GOMES, 2007) nos diários, as autoras através das personagens abandonam a crucialidade da subjugação e reprimendas para serem representadas na fala do outro, que são as personagens (Celie, Shug, Sophia e Carolina). Esse ato de empoderamento pela escrita assumem seus corpos, suas formas, suas intrínsecas maneiras de repensar a linguagem para atingir a vivacidade no enredo. A importância de abordar a escrita dessas mulheres, uma afro brasileira e a outra afro americana, é a necessidade de evidenciar sua africanidade e historicidade na reafirmação da conduta de resistência pela escrita epistolar.

A escrita epistolar vem sendo usada por mulheres desde muito tempo. Ela foi colocada durante anos como mera figura de escuta de seus pais, irmãos ou outro tipo de hierarquização senhoril, sendo-lhes restringidas leituras e escritas. Em contrapartida, para aquelas que tiveram o privilégio do livro estar por entre suas mãos, os atos de ler e escrever vai se tornando refúgio, conforto, deleite e até rota de fuga para suas amarguras e diversidades da vida.

A participação das mulheres no cenário literário foi de difícil inserção. As escritoras usavam pseudônimos masculinos para conseguirem publicar seus trabalhos. Por esse viés, percebemos a marginalização da escrita feminina. Para as mulheres brancas havia os pseudônimos que estrategicamente utilizavam impulsionavam a divulgação de suas obras. Logo, se refletimos sobre as mulheres negras é bem certo que necessitariam cada vez mais reafirmar o ideal de luta, na busca pela epopeia de desconstrução do padrão classicistas literária.

Desde então, a literatura confessional, epistolar, atua como motor da causa operante das personagens Celie e Carolina Maria de Jesus, que informa os leitores os árduos contextos históricos e culturais que seu povo forçadamente viveu na diáspora do transatlântico e que remontam os diversos discursos excludentes e ofensivos deixados pelos resquícios da escravidão. Partimos da ideia de que ao escrever sobre sua “própria” realidade o sujeito torna-se mais conhecedor de si.

Por meio dessa literatura, na qual se compreendem identidades e culturas negras (...) acredita-se que se constroem oportunidades de expressão de si, da negritude, de referências de africanidades, de vivências, bem como de concepções de mundo (SANTIAGO, 2012, p.133)

As cartas no romance de Alice Walker representam o gênero literário epistolar como mecanismo possível para a fala dos “silenciados” socialmente. Celie e suas companheiras mulheres negras, são desvozeadas pela cor de suas peles, gênero, classe o que resulta em escalonadas práticas de violência. A protagonista clama por um afago e encontra isso primeiramente em uma mulher mas somente poderia desabafar com Deus as atrocidades que sofria de seu suposto pai “ é melhor você nunca contar a ninguém, só para Deus. Isso mataria sua mãe “ (Walker, 2018, p. 9).<sup>8</sup>

Assim, o sujeito se ressignifica a cada momento que escreve e lê aquilo que passa para o papel, (re) conhecendo suas ações de posicionamento discursivo que acaba redimensionando suas práticas de si que o autoconstrói.

Para Carolina Maria de Jesus a escrita não é apenas seu abrigo, também é sua defesa. Na favela do Canindé, a autora personagem menciona aqueles que a incomodam, e adverte alguns que os colocaria em seu livro. Muitas vezes os moradores pediam para que ela não escrevesse seus nomes, inclusive o pai de sua filha. Carolina usa a literatura como denúncia, delata políticos e todos aqueles que agem de forma corrupta, como observamos neste trecho:

Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a pátria e ao país. Pensei: se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Janio Quadros, o Kubstcjek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem minhas dificuldades.... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças. (JESUS, 2014, p. 29)

---

<sup>8</sup> You better never tell nobody but God. It'd kill your mammy ( Walker, 1896, p. 11)

Apesar de sua posição social, Carolina entende que precisa pensar além das madeiras de seu barraco, entende que através da arte ela conseguirá se libertar das amarras de seu difícil cotidiano. Como ela mesma enuncia, quando não tinha nada para comer ela escrevia, ao invés de xingar, ela escrevia, fazendo de sua fome e da fome dos seus filhos a arte de produção do “eu”. A escrita concretiza pensamentos, faz com que o escritor se deleite em seus sentimentos mesmo sendo de fome, de dureza, de angústia. Carolina se entrega na escrita de seu diário para “driblar” a fome, que é antagonista de sua vida e de suas crianças.

As duas escritoras analisadas nesta pesquisa nos evidenciam o amadurecimento da produção do “eu” confessional pela escrita diária, das narrativas das personagens afrodescendentes que fizeram das letras suas eternas armaduras de lutas e como resultado suas obras expõem grandes feitos, afro epopeias de empoderamento feminino negro.

Celie, vozeada por Walker descreve sua maturação psicológica, conseguindo atingir a importância de se (re)conhecer enquanto pessoa, ser humano, mulher dotada de particularidades subjetivamente (re)construídas a cada embate de afirmação existencial como mulher, negra semianalfabeta numa sociedade americana.

Essas escritas são compromissadas com a finalidade de quebrar os estereótipos que propagam imagens inferiorizadas e dos discursos racistas, além disso, instigam os leitores a exercerem o senso crítico que aborda os/as negras/os, esse “eu” produto do livro expõe o reconhecimento do outro, produz sobre quem lê sensações de proximidade.

Nas cartas que escreve para Deus, algumas vezes, Celie encontra-se em um dilema, como poderia passar por tanto sofrimento com homens e ainda escrever para uma figura masculina? Uma outra personagem que surge na vida da nossa protagonista é Shug Avery. Que mostra os caminhos de sua autovalorização enquanto mulher e como deveria apreciar-se diante do espelho as curvas de seu corpo e por ele também ser o fio condutor de seu auto encontro.

Pelas autoras, o apanhado memorial e argumentativo da identidade afrodescendente é explanada pelas narrativas memorialísticas históricas de suas personagens, o redirecionamento dos discursos científicos eurocêtricos proferidos do/a negro/a como um alerta para os leitores sobre ter um único lado de sua história.

Eu me lembro de certa vez quando você me contou que sua vida deixava você tão envergonhada que nem com Deus você conseguia falar a respeito, você tinha que escrever, apesar de achar que você escrevia mal. Bem, agora eu entendo o que você quis dizer. E independente de Deus lê cartas ou não, eu sei que você vai continuar escrevendo; o que é

inspiração suficiente para mim. De qualquer forma, quando eu não escrevo para você eu me sinto tão mal como quando não rezo, trancada dentro de mim mesma, meu próprio coração me sufocando. Estou me sentindo sozinha, Celi (WALKER, 2018, p. 112)<sup>9</sup>

A cor púrpura retrata a vida de pobres mulheres negras, assim como Carolina o fez em seu diário Quarto de despejo, sabemos que elas sofrem por inúmeras opressões pelo fato de serem negras, pobres, semianalfabetas, assujeitadas, como escravas de seus pais e maridos, vendidas ou trocadas como objetos sem valor, de forma barata e desprestigiadas são seres descartáveis - abjetos.

Em suas obras, Alice Walker escreve com base em suas próprias experiências na sociedade patriarcal, retratando abusos e racismos que sofre (u) durante a sua trajetória. Neste caso, nos referenciamos Celie que padecia, relembando da repressão de mulheres brancas, e de homens negros que usavam a violenta maneira de dominação falocêntrica: o estupro. Esse falocentrismo mundo patriarcado entre as histórias de suas personagens interliga uma a uma, conectam seus sofrimentos em decorrência dessas ações patriarcalmente impostos às mulheres e crianças.

É imprescindível ressaltar que o sexismo está presente nas duas obras analisadas neste trabalho. Carolina apesar de não casar, relata muitos casos de mulheres que passavam a noite sendo espancadas pelos seus companheiros, que sofriam violência física e psicológica. Essas mulheres presentes em seu diário eram obrigadas a fazerem e realizarem os desejos de seus parceiros, inclusive sustentar seus vícios: bebidas e drogas. Celie era obrigada a engraxar os sapatos de seu senhor Mr. \_\_\_\_\_, fazer suas vontades. Ela conhecia tão bem seus gostos que era capaz de os 'prevê', mesmo assim, as agressões não cessavam.

A escrita literária percorre por horizontes (in) tangíveis, não se trata apenas de uma forma de ganhar renda, a escrita confessional em especial, me foi apresentada dentro do meu lar há muitos anos atrás, comprovando que são as portas para a salvação. Minha mãe como as personagens das obras femininas em discussão, escreviam para sentirem-se vivas, refugiavam dentro de si pelas poucas palavras e não se perderam, bem como afirma Halbwachs (1990):

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas não são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetivos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (HALBWACBS, 1990, p, 26)

---

<sup>9</sup> I remember when you already counted on your own woman that you just embarrassed what you want you to have said, you had to write even though you were not sure. Well I mean what do you mean. And regardless of God's reading letters or not, I know you'll keep writing; what is necessary? Anyway, when I do not write to you, when you're not praying, I do not care. I'm feeling lonely, Celie ( WALKER 1986. p, 120)

Quando buscamos compreender como certas categorias de palavras são utilizadas por determinados grupos sociais, é possível visualizar o modo de construção que as identidades dos sujeitos fortalecidos pelas nuances discursivas proferidas nesses espaços de pertencimento da comunidade. Nesta concepção, o ser negro tem legitimidade para abordar de assuntos intrínsecos ao seu povo, a sua ancestralidade e descendência, assim como é explorado por Carolina de Jesus. A escrita confessional harmoniza essa manifestação de vozes que as mulheres negras conseguem emanar a partir de suas habilidades com a linguagem retratar o denunciamento das mazelas sociais bem como serem porta-vozes para outras indivíduos alertando-as e redirecionando-as para a visão crítica étnico racial.

Logo, pelas discussões neste capítulo, entendemos que a escrita está vinculada ao empoderamento feminino e tendo as obras produzidas por afrodescendentes o empoderamento é destacado e o feminismo negro é aflorado.

Como diz Bell Hooks (2015), o empoderamento diz respeito as mudanças sociais numa perspectiva antirracista, antielitista e antissexista, por meio das mudanças das instituições sociais e das consciências individuais. Essas práticas de modificações devem ocorrer durante o cotidiano. Os relatos feitos por Celie e Carolina são exercidos diariamente, suas revoluções começaram em primeira instância internamente. E o processo de empoderamento se manifesta de diversas formas, a escrita nos mostra através das obras que é uma ferramenta poderosa para o auto (re) conhecimento dos indivíduos que o praticam.

## CAPÍTULO II

### Vamos entender a pesquisa? O percurso metodológico literário.

Este trabalho é composto por três capítulos, intitulados: Vozes que ecoam, as negras que reexistem: A afro descendência na Literatura Confessional de Alice Walker e Carolina Maria de Jesus. O segundo capítulo: Vamos entender a pesquisa? O percurso metodológico literário e por último *Beyond the wall*: Ascensão social e a construção do pensamento político negro em *A cor púrpura* e Quarto de despejo.

A pesquisa corresponde à abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico num viés comparativo envolvendo as análises da escrita política feminina das obras, Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus e *The Color Purple* de Alice Walker.

Entende-se por qualitativa nos termos de Godoy (1995, p.58) a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos. Ou seja, dos participantes da situação em estudo, sendo esta uma maneira de compreender as assertivas dos pensamentos do *womanism* pelas personagens protagonistas- Celie e Carolina – explorando as subjetividades que estas mulheres constroem no decorrer de seus livros.

A pesquisa tem caráter bibliográfico, uma vez que utiliza livros, artigos de jornais e revistas sobre o tema. “A pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”. (VERGARA, 2005, p. 48)

Tendo como base duas obras de cunho feminino negro, a escrita torna-se o ponto crucial de emancipação e *empowerment*<sup>10</sup> para as protagonistas Celie e a própria Carolina em seu diário. Ambas concentram forças de resistência, de posicionamento político revelados nas referidas obras. Importante ressaltar que o contexto é dissociado em termos geográficos e linguísticos, uma vez que *A cor púrpura* é americana e Quarto de despejo é brasileira, todavia, são imbuídas e entrelaçadas

---

<sup>10</sup> Palavra de origem inglesa, que deriva do verbo *empower* que significa, em tradução livre do dicionário Cambridge, dar alguém a autoridade oficial ou liberdade para se fazer algo. (retirado do website infoescola, acesso 04/06/19)

tematicamente pelo preconceito, racismo, violência (física e psíquica) e marginalização social da mulher.

Entende-se por comparativo Motta (2006) o ramo da literatura que relaciona a obra de um escritor, com suas particularidades culturais, sociais e históricas, com a de outros escritores e áreas do saber e das artes, tais como a filosofia, a psicologia, o cinema, o teatro, etc. Seguindo esse pensamento, as retro mencionadas obras são baseadas na escrita feminina confessional e epistolar e que nos leva a compreender o termo *Womanism* político negro como ascensão social. Segundo o autor (Klinger, 2017) quanto a esta terminologia,

A escrita confessional tem correlação com a categoria da verdade, através do mecanismo da confissão como técnica fundamental para a construção de si mesmo enunciando para um outro as culpas e os pecados como caminho para a ascense purificadora da individualidade em direção à transcendência divina. (KLINGER, 2017, p.29)

Em ambas as obras, duas personagens negras, alfabetizadas autodidaticamente, decidem escrever de forma confessional sua rotina, momentos angustiantes, fatos importantes da política da época, mostrando seus hábitos, miséria e costumes como afirma Sheila Dias Maciel (2004, p. 58), “o instinto autobiográfico é tão antigo quanto a escrita ou melhor, é tão antigo quanto o desejo humano de registrar suas vivências”. As personagens sentem a necessidade de transcrever seus retratos de vida como um modo de aliviar as durezas do sistema social. Carolina em entrevista nos revela que “quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar, eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário” (JESUS, 2007, p. 195).

Celie escreve cartas para Deus e para sua irmã Nettie. Cercada de inúmeros abusos, físicos e psíquicos, violência doméstica, muitas vezes questiona a si mesma a razão pela qual escrevia para Deus e quem era esse Deus que deixava a mercê sua vida entregue ao sofrimento.

(...) o Deus pra quem eu rezo é homem. E age igualzinho aos outro homem queu conheço. Trapaceiro, Isquecido e ordinário . Ela falou, Dona Celie, é melhor você falar baixo. Deus pode escutar você , Deixa ele escutar, eu falei . Se ele alguma vez escutasse uma pobre mulher negra , o mundo seria um lugar bem diferente , isso eu posso garantir . ( WALKER ,alice p.227 2018) <sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> (...) The God I been praing and writing to is a man. And act just like all the other mens I know. Trifling, forgetful and lowdown. She say, Miss Celie, you better hush. God might hear you. Let im hear me, I say. If he ever listened to poor colored women the world would be a different place, I can tell you. ( WALKER, Alice 1986 p 251.

No artigo *Why black feminism and womanism?* Walker (1993) mobiliza o conceito de *womanism* e compreende que este é uma forma flexível de englobar ambos os gêneros numa perspectiva de união e respeito totalitário.

Uma mulher que ama outras mulheres, sexualmente e / ou não sexualmente. Aprecia e prefere a cultura das mulheres, a flexibilidade emocional das mulheres (valores de lágrimas como naturais contrapesos do riso) e a força das mulheres. Às vezes adora homens individuais, sexual e / ou não sexualmente. Comprometidos com a sobrevivência e a totalidade de pessoas inteiras, Masculino e feminino. (Walker, Alice.1983) <sup>12</sup>

Sendo assim, o *womanism* surgiu na terceira onda do feminismo na necessidade de um movimento que incluísse a luta da mulher negra que sofre racismo, segregação. Este movimento veio com o intuito de somar ideais de proteção, valores, respeito e fraternidade, dando voz a uma parcela do grupo que visivelmente era excluído do movimento feminista.

Dentro dessa perspectiva e por meio desses livros, que no decorrer deste trabalho, estão sendo comparados e analisados, a voz da mulher negra nasce desses processos de escrita. O *womanism* influencia as “alforrias” de suas resistentes militantes negras justamente pelo intermédio dos registros confessionais, foco que compõe esta pesquisa qualitativa.

Essas obras inspiram mulheres, todas elas, sejam negras, pobres, lésbicas, latinas, indígenas, enfim, as que sofrem com os preconceitos e problemas sociais, mas que tem ânimo para encontrar meios de resistência e adquirir seu empoderamento feminino. Numa forma “silenciosa” relatam os diversos processos de dores que sentem e usam esses acontecimentos para registrar, confessar suas memórias recentes e as pregressas. Ambas são como romances de lã, os emaranhados de vozes tecem nuances diversas, que convergem na busca de militância ressignificando seus espaços de pertencimento étnico grupal.

O IBGE<sup>13</sup> publicou um artigo em 31/10/2014<sup>14</sup> que confirma que a taxa de analfabetismo entre negras é duas vezes maior que entre brancas, o que fortalece mais ainda a intensificação de que o a

---

<sup>12</sup> A woman who loves other women, sexually and/or nonsexually. Appreciates and prefers women’s culture, women’s emotional flexibility (values tears as natural counterbalance of laughter), and women’s strength. Sometimes loves individual men, sexually and/or nonsexually. Committed to survival and wholeness of entire people male and female. (Walker’s Alice.1983)

<sup>13</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

<sup>14</sup> Não há pesquisa atualizada sobre a taxa de analfabetismo entre negras e brancas pelo IBGE

escrita gera ascensão para seus detentores. Com tais fatos, é de grande pertinência o impacto que a literatura exerce e impulsiona mulheres a escreverem e utilizarem de tal ferramenta para organizarem e conseguirem expor suas dolorosas histórias.

### CAPÍTULO III

#### ***Beyond the wall: Ascensão social e a construção do pensamento político negro em A cor púrpura e Quarto de despejo.***

Há milênios, a mulher é considerada, por muitos homens, figura frágil, fraca e incapaz de proferir crescimento individual e financeiro. Necessitando de um ser dotado de força, inteligência, destreza e sagacidade para conduzi-la nos caminhos corretos que uma verdadeira companheira submissa subjaz aos planos do cônjuge.

Segundo a bíblia cristã (1990)<sup>15</sup>, o primeiro varão e varoa existentes foram Adão e Eva. A consorte foi criada de uma parte do corpo do marido, sua costela, Eva tornou-se esposa para que o mesmo não vivesse sozinho, uma vez que todos os animais tinham um par. E no jardim, ocorreu que Eva dialogou com a serpente (Satanás) e cometeu a única infração proibida pelo Deus do cristianismo, comer o fruto da árvore do conhecimento.

Eva comeu do fruto e deu para Adão. Quando Deus os procuraram se esconderam por causa de suas vergonhas. Quando questionados, Adão revela a Deus o que fizeram no jardim do Éden. Conforme o livro de Gêneses, Deus castigou-os e os expulsou por terem infringido a lei divina e a serpente recebeu sua pena. Deus disse: “multiplicarei sobre modo os sofrimentos da tua gravidez, em meio de dores darás à luz filhos, o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará” (Bíblia sagrada p. 4, 1993).

Assim, segundo a passagem bíblica, foi criada uma relação de poder do homem sobre a mulher, conceito que durante muito tempo foi utilizado por famílias cristãs ortodoxas conservadoras que se propagou no seio social. As meninas saíam da guarda paterna para o cárcere matrimonial. A subjugação era extremamente pautada nas ordenanças de pais, irmãos e maridos e eles detinham o controle sobre seus atos.

A falha de Eva é transposta para sua descendência feminina que sofre abusos constantes e é por muitas pessoas, em especial os homens, considerada a culpada pela perdição de Adão e a perda do Paraíso Divino. E pautado nesse discurso sexista, a invisibilidade dos desejos e dos sonhos de uma mulher, torna-se a peça chave de uma figura sombreada do marido, uma espécie de apêndice dos enlaces matrimoniais, um utensílio doméstico para servir seu senhor.

---

<sup>15</sup> Bíblia Sagrada , Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2º ed. Barueri. SP: Sociedae Bíblica do Brasil, 1990.

O movimento feminista passa a ser o pilar de sustentação para a mulher. Dando suporte viável para que assim a incluísse parte do processo de existência, ser pensante e que mesmo compondo parcela socialmente e economicamente minoritária é dotada de valores que juntamente com suas intrínsecas características femininas não subjaz o egocentrismo patriarcal devido o manifesto de luta e resistência, capaz de tomar decisões.

Compreendemos que o movimento feminista é um ato social e político que luta pela igualdade de direito entre homens e mulheres, procurando assim corroborar com organizações que lutam pelas pautas acerca da emancipação feminina, questionando padrões de hierarquização e os discursos que se condicionam a inferioriza-las.

No Brasil o surgimento do movimento feminista aconteceu no início de 1834 com Nísia Floresta “Direitos das mulheres e injustiça dos Homens” século XIX. Mundialmente, a primeira onda feminista ocorreu entre o final do século XIX e início do século XX e foi marcada pela conquista na política e o direito ao votar.

A segunda onda, marcada entre as décadas de 1960 e 1990 teve como principal demanda a liberdade e a igualdade de direitos. Foram intensificados os debates a respeito da liberdade sexual e o papel social da maternidade. Durante essa época a vinda das mulheres negras e lésbicas trouxe novas questões para as pautas do feminismo brasileiro.

Já a terceira onda começou na década de 1990 e tem entre suas prerrogativas a conquista de liberdade total para as mulheres surgindo o feminismo interseccional - o que agrega todos os tipos de mulheres com seus vários modos de vida e suas questões específicas.

Para alargar nossas reflexões de historiografia de movimentos sociais, nos direcionamos para a América do Norte, na qual a primeira onda do feminismo foi no início no século XX, tendo como foco o direito ao voto. As militantes da época buscavam a garantia de exercer sua cidadania quanto ao voto eleitoral e liberdade de poder executar esse ato livremente.

Nos anos 70, a consecutiva onda reivindicou a valorização do trabalho feminino, direito ao prazer e mecanismos contra a violência sexual, no entanto, as mulheres negras ainda não eram contempladas.

Na década de 90, a precursora Judith Butler (1990) inaugura a terceira onda propondo a desconstrução das teorias feministas e representações de gênero de modo binário, (masculino/feminino). Foi nessa fase que mulheres negras encabeçaram pedidos de revisão dos objetivos e integralização do movimento, que estava sendo excludente ao ignora-las, assim como indígenas e transexuais. Ressaltamos somente a partir dessa intersecção de Butler que as mulheres

negras, indígenas e outras categorias como (LGBTQQIAAP)<sup>16</sup> puderam ser inseridas, pois anteriormente, não havia espaço de fala para estas mulheres visto que o ideal de formação clássico do movimento era abrangido por americanas brancas da classe média alta.

Nesse contexto, o anseio de abordar essa subjetividade como foco político feminista dar-se por revestimento de significados plurais, tendo em vista que não há uma ação independentemente, mas há um entrecruzamento de vozes e uma correlação acerca das opressões ocasionadas às mulheres negras.

Com base no pensamento de Djamila Ribeiro (2018) “apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e nos afastam” (RIBEIRO, 2018, p.53). O feminismo político negro dá-se pelo embate constante dos entraves culturais hegemônicos. No movimento feminista há ação inclusiva e não formas de segregar raças, etnias, hierarquias econômicas e de gênero, entende-se que para ser feminista é necessário ser primordialmente antirracista e antissexista. É importante relembrar que dentro de um grupo não hegemônico existe suas especificidades, o fator racialidade não pode ser posto de lado, pois a luta deve abranger essas e demais questões.

É notório reconhecer experiências de opressões diversas praticadas contra mulheres e todas elas (negras, brancas, indígenas) sofrem, e sem esse reconhecimento torna-se difícil avançar com projetos de fortalecimento social.

O que não se percebe é que, no momento em que denunciemos as múltiplas reformas de exploração do povo negro em geral, e da mulher negra em particular, a emoção, por razões óbvias, está muito em quem nos ouve. Na medida em que o racismo, enquanto discurso, situa-se entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito, conseqüentemente é infantilizado, não tem direito a voz própria, é falado por ele. (GONZALEZ, 1979, p 21)

Refletindo sobre o entrecruzamento das opressões, focamos os questionamentos para as mulheres negras discutindo com base nas obras literárias as personagens femininas e os caminhos que cada uma elegeu para enfrentar as mazelas sociais e atingir o ápice de ascensão política no enredo.

Neste caso, o feminismo político negro passa a discutir como são imprescindíveis ações políticas que atendam essas interligações de diversas categorias presentes no movimento. Junção e conscientização de todos os entraves históricos vividos pelas ascendentes e descendentes mulheres. As autoras proporcionam ações de vozes emancipadas pela escrita, pela produção literária e artística

---

<sup>16</sup> Lésbicas, Gay, Bissexual, Trânsgero, Trânssexual, Two- Spirit (Dois espíritos, Queer, Questionando, Intersex, Assexual, Aliado, Pansexual). – retirado do site orientando.org, acesso 04/06/19 .

de suas trajetórias de embate e militância. A pertença de lugares igualitários independentemente da cor de pele ou raça. Podemos observar em *A cor púrpura* que as personagens femininas percorrem toda a trama buscando seu lugar.

Vamos Millie, ele falou. Sempre falando com os preto. A dona Millie passou a mão nas crianças um pouco mais, finalmente olhou pra Sofia e pro campeão. Ela olhou pro carro do Campeão. Ela reparou no relógio de pulso de Sofia. Ela falou para Sofia, Todas as criança sua tão limpa, ela falou, você num que trabalhar pra mim, ser minha empregada? Sofia falou... Diabos, não? ... ela falou.. O que você falou?.. Sofia falou.. Diabos, não. O prefeito puxou a mulher dele da frente. Esticou o peito. Moça o que você falou para Dona Millie?.. Sofia falou, eu falei, Diabos não. Ele deu um tapa nela , sofia começou a brigar. Os policia veio e começaram a tirar as criança de cima do prefeito, batendo com as cebeça dela uma na outra, eles arrastaram ela pelo chão .. Ele ( companheiro de Sofia) queria pular encima também , Sofia diz Não, leve as crianças para casa, os policia também tavam com o revolver em cima dele, um movimento e ele tava morto. ( WALKER, 2014, p. 107 - 108) <sup>17</sup>

No trecho citado acima, Sophia encontra-se na firma conduzida pelo seu novo companheiro. Quando a mulher do prefeito propõe para ela ser sua criada, Sofia recusa. Num ato de repúdio, diz que é humilhante servir uma branca mesmo sendo a primeira dama da cidade. É por causa desse ato de abnegação serviçal que os policiais locais a espancam conjecturando que a lei os ampara para tal ato mediante a superioridade de uma negra a branca. A condição para sua libertação foi estabelecida na obrigação de servir a dama Millie, esposa do prefeito.

É necessário discutir que mesmo havendo um consenso em propor um atendimento majoritariamente para o público feminino há a ideologia individualista. E que por estas razões dentro da perspectiva do movimento feminista há a segregação categorizada pela cor, pela raça e etnia da mulher. No entanto podemos ver como os personagens Celie, Nettie, Shug, Sophia e Carolina Maria de Jesus digerem essas facetadas práticas. Carolina em uma passagem de seu diário diz:

Um dia, um branco disse-me. Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem (JESUS, p. 65 2014)

---

<sup>17</sup> Now Millie (the mayor's wife), he say. Always going on over colored. . .finally (she) took at Sofia and the prizefighter. She look at the prizefighter car. She eye Sofia wristwatch. She say to Sofia, All your children so clean, she say, would you like to work for me, be my maid? Sofia say, Hell no... Mayor look at Sofia, push his wife out the way. Stick out his chest. Girl, what you say to Miss Millie? ...He slap her...Sofia knock the man down. The polices come, start slinging the children off the mayor, bang they heads together. Sofia really start to fight. They drag her to the ground...He (Sofia's companion) want to jump in...Sofia say No, take the children home. Polices have they guns on him anyway. One move, he dead (Walker: 1986, p. 86).

Carolina Maria, a autora personagem, reconhece que é negra em algumas partes de seu diário, esse autoreconhecimento é importante para que a mesma possa entender que é errado a segregação de todas as formas, inclusive por meio da cor, na passagem acima ela questiona o porquê da diferença entre pessoas de cores diferentes se todas são, serão um dia conduzidas para suas jazidas, como aponta Ribeiro (2018).

A relação entre política e representação é uma das mais importantes no que diz respeito à garantia de direitos para as mulheres, e é justamente por isso que é necessário rever e questionar quem são esses sujeitos que o feminismo estaria representando. Se a universalização da categoria “mulheres” não for combatida, o feminismo continuará deixando muitas delas de fora e alimentando assim essas estruturas de poder. (RIBEIRO, 2018, p.47)

Refletir sobre estes aspectos é essencial para o crescimento político dessas mulheres, faz parte do sistema de empoderamento. Em 1851, Sojourner Truth<sup>18</sup> fez o discurso intitulado “ E eu não sou uma mulher? ” Na Convenção de Direitos Humanos, em Ohio, onde anunciou que a situação da mulher negra era radicalmente diferente da situação da mulher branca. Os motivos pelos quais elas lutavam eram diferentes, enquanto uma batalhava pelo direito de voto a outra lutava para ser considerada ser humano.

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir na carruagem, é preciso carrega-las quando atravessam um lamaçal, e elas devem ocupar sempre os mesmos lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o meu lugar! E não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros, e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou eu uma mulher? Consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – eu aguentei as chicotadas! Não sou eu uma mulher? Pari cinco filhos, e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou eu uma mulher? <sup>19</sup>

Sojourner (1851) afirmava que a situação da mulher negra é radicalmente diferente da branca. A negra, em muitos dos casos, não é considerada como mulher. São tratadas como um corpo que está

<sup>18</sup> Ex escrava abolicionista afro- americana e ativista dos direitos das mulheres, seu famoso discurso “ Ain’t I A Woman” foi feito em resposta a um palestrante do sexo masculino, o qual aparentemente estava na plateia

<sup>19</sup> That man over there says that women need to be helped into carriages, and lifted over ditches, and to have the best place everywhere. Nobody ever helps me into carriages, or over mud- puddles, or gives me any best place! And ain’t I a Woman? Look at me” Look at my arm” I have ploughed and planted, and gathered into barns, and no man could head me! And ain’t I a woman? I have borne thirteen children, and seen most all sold off to slavery, and when I cried out with my moother’s grief, none but Jesus heard me! And ain’t I a woman?

somente para o labor e a servidão sexual. Lembrando que Celie trabalhava para o seu senhor nas atividades domésticas, na roça com o enteado e na cama como abjeto do Mr.\_\_\_\_, “compra roupa pra Celie. Ela falou pro Sinhô [...] Ela precisa de roupa? Ele pergunta. Olhe só pra ela. Ele olhou pra mim. Parecia que ele tava olhando pro chão. E ela precisa de alguma coisa? Os olhos dele falavam”. ( WALKER, 2018, p.35).<sup>20</sup>

Alice Walker e Carolina Maria de Jesus são escritoras que representam o espaço literário negro, a literatura negra, a escrita negra feminina, são mulheres que trazem para o centro a árdua realidade das peculiaridades sofridas por elas e suas irmãs. Apresentam unidades indissociáveis, pois tratam de questões particularmente iguais como gênero, raça e classe. As autoras passam a legitimar o corpo negro nos espaços públicos, e a percepção dessas escritas de forma que impulsionam suas vozes de luta por onde andarem.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. ( JESUS, 2014, p. 65)

Carolina Maria compreendia os significados de sua cor e tudo que era acarretado por causa dela. Sabia que a segregação existia e persistiria por que o povo brasileiro precisaria de leituras e educação de qualidade para modificar tal consciência do desprezo pelo negro. Se sentia inferiorizada quando apresentava suas peças criadas para os diretores de circo que chegavam a cidade e em resposta recebia, “ É pena você ser preta” Jesus (2014):

Esquecendo eles que eu adoro mina pele negra e meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnação, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014, p. 64)

O clássico preconceito racista emerge nas situações mais comuns do dia- a- dia, no trecho acima fica claro que a escrita de Carolina é de uma relevância considerável. O fato dela ser preta torna-se um empecilho conforme a citação anterior. Carolina se auto afirma, não consegue colocar a sua cor como barreira, a ‘preta’ não pode escrever, não pode pensar criticamente. Ao mencionar o cabelo do negro o mais educado estabelece a relação com os fatores históricos de uma maneira crítica

---

<sup>20</sup> Buy Celie some clothes. She say to Mr. \_\_\_\_\_. She need clothes? He ast. Well look at her. He look at me. It like he looking at the earth. It need something? His eyes say. ( Walker. 1986, p.27)

e satírica acerca do contexto que nos evidencia o sujeito negro aprende desde cedo a obedecer. A cor preta é o mundo dos negros, aquele que é também seu: “Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia” (Jesus, 2014, p. 44) “A minha vida até aqui tem sido preta, preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro (Jesus, 2015, p. 147)

É preciso retomar que é Alice Walker a responsável por trazer o *womanism* que designa a faceta somatória do feminismo. Dando visibilidade às experiências das mulheres negras que têm estado nas linhas de frente do ativismo contra a marginalização de sua cor expressando suas ideologias no produto do feminismo político negro.

1. Comportamento ultrajante, audacioso, corajoso e voluntarioso. 2. Também: mulher que ama outras mulheres, aprecia a força das mulheres. Às vezes ama homens individuais sexualmente / não sexualmente. 3. Ama música, dança, ela mesma, não uma vítima. (Lauret, 2000, 19-20)<sup>21</sup>.

O *womanism* defende a união de pessoas sem estar categorizando-as. Defende a solidariedade entre homens negros que sofrem de repressão racial. Na obra, *A cor púrpura*, há sororiedade entre as personagens femininas que exercem papel determinante no processo de emancipação de Celie. Só uma união solidária entre mulheres poderia tornar suportável a vida, de modo particular a ligação entre Celie e Shug, fará com que esta gradualmente, ultrapasse os condicionamentos e alcance uma plena e nova consciência de si mesma.

Este é um exemplo de como Walker, ao longo de sua obra, ressalta a importância da sororiedade, com vista a emancipação e ascensão das mulheres negras. Para a autora, as mulheres negras são capazes de afirmar sua identidade e autonomia se criarem uma “comunidade de irmãs” par que uma ouça e fortaleça a outra.

“Womanism é o feminismo como roxo é lavanda”<sup>22</sup>, ao proferir essa frase a autora<sup>23</sup> nos esclarece que é outra vertente do feminismo, um que luta por causas que vão além das questões de gênero, uma vez que as mulheres são oprimidas de modos diferentes, tornando necessário discutir gênero com recortes de classes e raças.

Alice Walker usa a escrita para conseguir liberdade para sua protagonista Celie, tentando sempre se tornar uma mulher negra independente. A personagem representa uma carga de luta ardente por dignidade humana. Vive sob o jugo do patriarcado, anda com a cabeça baixa diante dos negros e

<sup>21</sup> 1. Outrageous, audacious, courageous, willful behavior. 2. Also: A woman who loves other women, appreciates women's strength. Sometimes loves individual men, sexually/non-sexually. 3. Loves music, dance, herself, not a victim” (Lauret, 2000, 19-20).

<sup>22</sup> “Womanins is the feminism as purple is the lavender”

de mulheres brancas. Tem vergonha de si mesma e de ser tão indesejada por todos, até sua mãe. Walker enfoca os sexismos presente nas personagens femininas como Celie, Shug, Nettie e Sophia, que são dominadas psicologicamente e fisicamente pelo sistema falocêntrico.

Importante ressaltar, que quando Celie escreve cartas para Deus, ela associa Deus ao homem branco, no trono de ouro assentado e que tudo vê e sabe. Acredita que escrever para Deus dá a ela o poder de expressar e de confessar seus sentimentos interiores e pensamentos, ela não tem ninguém para compartilhar a sua dor, tortura e emoções, só Deus.

As cartas a Deus permitem que ela narre a sua história de vida. Elas não poderiam ser enviadas a ninguém, apenas serem mantidas para ela mesma, ali a personagem deposita suas angústias e discute certos momentos diários que ocorrem consigo mesma. São nestes pequenos e breves instantes de escrita que Celie é instigada aos pensamentos reflexivos de condutas praticadas contra ela, e assim, a cada página finalizada a força de continuar discutindo com Deus os abusos sofridos, sua consciência política é erguida.

## Considerações Finais

Durante o percurso de análise das respectivas obras, percebemos como é importante reproduzir traços históricos, fatos marcados por lutas e movimentos de resistências por meio da linguagem escrita, a literatura. Destacamos que as obras analisadas são criadas pelas personagens que escrevem cartas e diários de vida reportando-nos estes acontecimentos.

A cor púrpura e Quarto de despejo ecoam vozes que refletem os processos reflexivos do feminismo político negro, a subjetividade e as opressões de raça, classe e gênero. A escrita confessional proporciona a liberdade para Celie e Carolina Maria de Jesus. Elas manifestam sua libertação e produzem meios de resistência a partir das cartas e do diário. Essas produções vinculam referências do passado histórico e nos promove pensamentos acerca dos seus relatos e por isso, a construção das narrativas e a presença dessas diferentes vozes empregadas nos fragmentos do corpus dessa pesquisa reconstroem pontos obscuros e passam a retratar a memória de forma ressignificada.

O trabalho busca contribuir para a reflexão sobre os temas de racismo, gênero, sexismos e também para encorajar muitas mulheres a adquirirem sua auto confiança – empowerment – e assim poderem crer que é possível unir suas forças e expandir suas vozes de resistência pela leitura, literatura e escrita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNEL, P.; PICHOS, C.L.; ROUSSEAU, A.M. **O que é Literatura Comparada?** São Paulo: Perspectiva, 2012.

CASTRO; MACHADO, **Muito bem, Carolina!** – Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007

COLLINS, Patricia Hill,–**Black feminist thought : knowledge, consciousness, and the politics of empowerment** New York .2nd ed.1948

DAWSLEY, Sayonara Lima- **A escrita de si em A cor púrpura, de Alice Walker e Diário de Bitita , de Carolina Maria de Jesus** (manuscrito) 2017.

FOUCAULT, Michel, A escrita de si , in. **Ética , sexualidade e política** / Michel Foucault ; organização de seleção de textos , Manoel Barros da Moua ; tradução Elisa Monteiro . Inés Autran Dourado Barbosa – Rio de Janeiro, Forense Universitária , 2004.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995

GOMES, Angela de Castro . **Escrita de Si, Escrita da História** , Rio de Janeiro ;; 7Letras ,2007.

GONZALEZ, Lélia . **Cultura, etnicidade e trabalho :efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher** . Comunicação apresentada no VIII Encontro Nacional da Latin American Studies Association , realizado de 05 a 07 de abril em Pittsburgh (USA) 1979.

HALBWACHS, Maurice . **A memória Coletiva** . Trad. De Beatriz Sidou , São Paulo, Centauro , 1990.

HOOKS , Bell . ( 2015) Mulheres negras : moldando a teoria feminista , Black Women : shaping feminist theory Revista Brasileira de Ciência Política , nº 16, Brasília , janeiro abril de 2015 . Pp. 193 210.

JANUSIEWICZ’S,anna. **A product of Womanism : Shug Avery in Alice Walker’s The Color Purple** , 2014.

JESUS, Carolina Maria . **Quarto de despejo: Diário de uma Favelada**.10 °. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KLINGER, Diana . **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica** . Rio de Janeiro: 7letras, 2017.

LAURET, M. (2000). *Modern Novelists: Alice Walker*. Basingstoke: Macmillan Press Ltd.

LISBOA, Vinicius. **IBGE: Analfabetismo entre negras é duas vezes maior que entre brancas**. Rio de Janeiro. Agência Brasil .2014

MACIEL, Sheila Dias (Orgs.). **Em diálogo. Estudos Literários e Lingüísticos**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro ?**- São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Gláucia. **A intelectualidade de Carolina Maria de Jesus por meio de sua obra “Quarto de Despejo”**. Centro Universitário de Patos de Minas. Pergaminho (5): 59-68, dez. 2014. Disponível em Acesso em 18/04/2018

SANTIAGO, Ana Rita, **Vozes literárias de escritoras negras**, Cruz das Almas . BA , UFRB , 2012.

VERGARA, Sylvia Constant . **Método de pesquisa em Administração** . São Paulo: Atlas , 2005.

WALKER'S , Alice. **Why black feminism and Womanism ?**. Copyright 1983

WALKER, Alice. **A cor púrpura**, tradução Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson- 15ª ed- Rio de Janeiro : José Olympio, 2018.

WALKER, Alice, *The color purple*. São Paulo: Marco Zero, 1986

ZANTARES, v. 6, n. 12, p. 183-195, jul./dez. 2014. p. 189. Disponível em . Acesso em 17/09/18

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Produção literária feminina: um caso de literatura marginal**.